

PARTHENON LITTERARIO

QUINTO ANNO

ABRIL DE 1876

IV

SUMMARIO

Retrato do Visconde de Maranhão.	Biographia do Dr. Caldre e Fião, por Manfredo.
Discurso, por A. de Bittencourt.	Circular, secção do Museu do Parthenon Litterario.
» por Appelles Porto Alegre.	Harmonias Ephemeras, por Manfredo
O Sexto peccado mortal, drama por J. A. Torres.	Que destino, (conto por Silvino Vidal.
Folha solta, por Tancredo.	Eu e tu, (poesia) por Assis Brasil.
Dados historicos sobre a provincia.	Marina, (poesia) por Manfredo.
	O mouro de Veneza, poesia por Elpidio Lima.

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1876



VISCONDE DE MARANGUAPÉ.

Lith de J. Alves Leite

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

QUINTO ANNO

ABRIL DE 1876

IV

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1876



DISCURSO

LIDO PELO SR. AURELIO DE BITTENCOURT AO SER DADO Á SEPULTURA O CORPO DO DR. CALDRE E FIÃO.

Senhores

Um tristissimo dever me obriga a vir hoje a esta sombria morada. Representando o *Parthenon Litterario*, venho chorar junto d'este feretro, onde estão os restos mortaes do Dr. José Antonio do Valle Caldre e Fião.

A associação de que sou orgão soffreu uma perda irreparavel; abriu-se em seu seio vacuo tão grande como o que deixou-lhe a morte d'aquelle nobre mancebo, que ha de viver para sempre em nossa lembrança e em nossa saudade — Affonso Marques.

Já não pertence ao numero dos vivos o Dr. Caldre e Fião. Estão prestes a ser depositados no tumulo os despojos mortaes d'esse homem extraordinario, cuja biographia fóra longa, porque extensos forão os seus serviços a todas as causas nobres e grandiosas.

Agora que lhe viemos dizer o derradeiro adeus e soluçar aqui sentidas nenias á sua memoria, eu não vos fallarei do medico distincto, que mais que todos foi sempre digno no exercicio de seu sublime apostolado, levando a vida e a consolação a multos lares em desespero, com o maior desinteresse e a mais louvavel abnegação.

Não vos direi quantos serviços a humanidade deve á intelligencia, á boa vontade, aos e-forços infatigaveis do Dr. Caldre e Fião, elle dos primeiros e mais activos na iniciação e propaganda das generosas idéas, que vierão a ser consagrada na lei de 28 de Setembro de 1871.

Não tratarei do litterato profundo e estudiozo, ora a consagrar-se a investigações historicas, ora a escrever romances e dramas, ora a des-

ferir da lyra inspirada cantos suavissimos, como se tangesse harpa de anjos.

Passarei por alto o homem politico, que se impoz sempre ao respeito de todos pela força de suas convicções, pela lealdade aos principios, pela dedicação e coragem com que em todas os tempos se empenhou nas lutas para fazer tremular garboza aos beijos da victoria a bandeira de seu partido.

Fallar-vos-hei abreviadamente do illustre finado em relação aos seus grandes serviços ao *Parthenon*.

No dia em que a mocidade porto-alegrense, por um d'esses movimentos energicos de que só ella é capaz, acordou de sua indolencia e atirou á circulação a idéa de fundar o *Parthenon*, teve a seu lado tão entusiasta como o mais novo dos jovens o Dr. Caldre e Fião.

Os seus conhecimentos e a sua idade, a sua pratica e o seu glorioso renomé como homem de letras impunhão-nos o dever de conferir-lhe a posição de honra no commettimento a realisar, e elle tomou a frente e apresentou-se na arena com as polidas armas do batalhador consciante do seu valor.

Combateu como um bravo; pôz em jogo os variados recursos de seu brilhante talento e ningnem o excedeu no trabalho de solidificar os alicerces da nascente associação e procurar eleva-la até a altura que de-vera attingir.

O *Parthenon* foi justo; o Dr. Caldre e Fião viu-se eleito pelo sentimento unanime dos socios presidente honorario.

Como correpondeu elle á merecida homenagem com que a mocidade distinguiu-o d'entre a pleiade dos incausaveis operarios do desenvolvimento do *Parthenon*?

Demonstrando ao povo, em escriptos cheios de verdade e inspirados pelo mais santo patriotismo, pelo mais decidido amor á nossa cara provincia, a seriedade da associação destinada a fins de incontestavel utilidade; auxiliando com a efficacissimo concurso para que o *Parthenon* ouvisse dominado do mais legitimo orgulho o côro magnifico entoado em seu louvor por cincoenta eriancinhas, que tiahão recebido a esforços da sociedade o baptismo da liberdade na data memoravel que assignala a nossa autonomia; promovendo ou secundando todos os nobres empenhos que o *Parthenon* tomou a peito para chegar a ser a respeitavel instituição que é.

Nas festas esplendidas que a mocidade tem promovido, on nas lugubres ceremonias que o dever lhe tem imposto, sempre appareceu o Dr. Caldre e Fião, completamente identificado com os sentimentos da associação.

E' funda a ferida que rasga-nos o coração, a nós os moços do *Parthenon*, diante da perda immensa que acabamos de soffrer. O Dr. Caldre e Fião honrou o seu lugar entre nós; e quem se sentar na cadeira que elle deixa vaga ha de desafiar a nossa estima e os nossos applau-

sos quando chegar a imitar o de-dito-o finado, pois que não é dado exceder em zelo e dedicação as raías em que elle ficou.

Dr. Caldre e Fião, tu que parti te d'e ta vida cheio de illusões e de sonhos grandio- os na idade em que outros sentem as proximidades do inverno e têm já as flores da imaginação crestadas ; tu que foste o medico por excellencia, o medico da pobreza, o amparo e salvador de muita familia, que só tinha para pagar-te protestos de agradecimento proferidos por entre lagrimas ; tu, que desde os primeiros annos collocaste a tua intelligencia ao serviço da liberdade, pugnando com mascula energia para vir a ser uma realidade a emancipação d'esses infelizes, que trazem a fronte marcada com o sello da escravidão ; tu, jornalista patriota, que manejava a penna sempre pelo bem social e nunca a manchaste no lodaçal do vicio, da calumbia e da mentira ; tu, poeta de arrojados vãos, que, qual aguia, te elevavas ás alturas do céu n'um cantarsingelo e suave ; tu, homem das mais nobres qualidades, que poderas com a tua sciencia ser um Cre: o e morres Job, que foste grande pelo talento, grande pelo coração ; que foste fidalgo pela nobreza que te deu o povo, — dorme socegado o somno eterno.

Deixas na pobreza a companheira extremosa que te foi conforto na peregrinação d'este mundo ; deixas orphã de teus affectos a filhinha que adoptaste como tua d'entre as que o *Parthenon* remiu.

Se alguma cousa póde consolar-nos, a nós tens discipulo: e amigos, ó a esperança de que partilharás das recompensas que o Eterno promette aos que forão como tu na vida.

Hoje este punhado de amigos vem trazer-te ao cemiterio, commovidos todos pelo doloroso acontecimento que te rouba ás nos: as vistas ; amanhã será a vez de escrever o teu nome no livro da historia, na pagina consagrada aos benemeritos, para que a posteridade te tribute as homenagens que te são devidas.

Mestre e amigo, adeus pelo *Parthenon*, adeus por mim.

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO 2º ORADOR DO PARTHENON LITTERARIO O
SR. APELLES PORTO ALEGRE NA SESSÃO FUNEBRE EM ME-
MORIA DO DR. CALDRE E FIÃO.

Meus senhores.

Que triste realidade, senhores, traduz o crepe que cobre esta sala, que amarga verdade traduz o funebre dever que nos reúne n'este momento!?

Que painel doloroso, que pavoroso espectaculo ensombra as vossas frentes, reflectindo n'esse espelho d'alma o traço de fundas agonias, o selo de sombrias cogitações!?

Que magoa profunda dilacera o coração da mocidade, que pezar acabrunhador entristece vossas frentes sonhadoras de moços?

O' que pavorosa verdade, que pungente desgraça traduz o vosso silencio aterrador e o crepe funerario de vosso lar! ? O' mocidade, que magoa profunda a fatalidade traçou com caracteres de fogo no livro santo de vosso coração! ?

Foi a morte, verdade vulgar para o mundo, mas sempre aterradora para o homem ; sim, foi a morte que passou pelas nossas tendas de guerra e arrebatou-nos mais um campeão, valente lutador de gloriosas pugnas, que deixou um claro impreenchivel nas fileiras parthenonistas.

Sim, José Antonio do Valle Caldre e Fião é mais um nome que a mão da morte inscreveu no livro luctuoso dos cemiterios, é mais uma existencia que baqueou na arena dos tumulos, trocando os esplendores da vida pelos mysterios dos sepulchros.

Na voragem de uma tremenda catastrophe cahiu o esforçado cau-

peão como no vasto chão da serra tomba o angico secular ás lufadas do vendaval.

O batalhador de tantas lutas titanicas contra o destino que sempre lhe foi adverso, contra o mundo que mais de uma vez o cobriu de baldões, já não existe, senhores; seu corpo envolto nas dobras de um sudario, atravessa o periodo de sua decomposição revelando o nada das cousas humanas, enquanto sua alma na eternidade recebe do Creador dos mundos um raio d'essa luz divina, um raio d'essa justiça absoluta que remunera os martyrios d'aquelles que como o illustre morto na terra sempre forão uns forasteiros da sorte.

A vida do Dr. Caldre e Fião é a historia de uma abnegação sem limites votada nas aras das grandes causas da humanidade, é a historia de uma lueta constante do bem contra o mal, do direito contra a força, da liberdade contra o despotismo.

Um ligeiro bosquejo sobre a vida do illustre finado será a prova mais brilhante da profunda verdade que acabamos de proferir.

Na carreira publica onde desempenhou diversos cargos de confiança popular, sempre inspirou-se no seu nunca desmentido patriotismo, foi politico desinteressado, puro como suas intenções, sincero como seus principios.

Espirito illustrado e liberal combateu sempre com ardor e enthusiasmo a favor da abolição da escravatura, idéa á qual dedicou não pequena somma de sacrificios, combatendo na imprensa com inexcedivel coragem, tendo de lutar com os preconceitos de uns e as paixões inconfessaveis de outros.

O norte e o sul do Brazil forão theatros d'esses pleitos brilhantes, onde o Dr. Caldre e Fião sempre revelou-se um dos mais esforçados paladinos do progresso e da civilisação de nossa patria.

Não menos gloriosa foi sua carreira nas letras e sciencias, onde mais do que cultor, soube ser verdadeiro sacerdote.

Seu nome não está só ligado á produções litterarias de sua lavra como tambem se acha identificado com os mais importantes serviços prestados pelo *Parthenon* á litteratura nacional.

Como homem de sciencias José Antonio do Valle Caldre e Fião era medico, e seu maior titulo de gloria é o de ter sido durante toda a sua vida — medico da pobreza.

A caridade, essa bella filha da religião do Golgotha, essa mãe de todas as virtudes que mata a fome do faminto, que sacia a sede do sedento, que cobre a nudez do mendigo e enxuga á lagrima do afflicto, encontrou no Dr. Caldre e Fião um leal interprete de seus nobres sentimentos.

Os factos de 1867 ainda estão gravados na memoria popular.

Quem, senhores, ignora e desconhece os serviços prestados pelo illustre medico á pobreza do 3º districto durante o tempo em que o flagello asiatico assolou pela segunda vez a capital da provincia?

Quem, senhores, não admirou a inexcédível abnegação do sacerdote da sciencia n'essa quadra calamitosa, em que elle generosamente votou-se ao bem publico, identificando-se com as dores dos enfermos, attendendo á tudo, acudindo á todos e só descuidando sua pessoa, para mais lembrar-se dos infelizes, tornando-se deshumano para consigo mesmo para ser ainda mais humano para com os outros?

Não irei mais longe, senhores; a vida do Dr. Caldre e Fião é uma biographia brilhante que não comporta os limites de um discurso, e que pede mais alguma coisa do que as phrases toscas do obscuro orador que vos dirige a palavra, é uma biographia brilhante que o povo sabe de cór, porque a justiça dos homens cega por paixões inconfessaveis pôde chegar a crucificar uma reputação nos braços da calumnia sem conseguir jamais apagar o nome d'essa reputação da memoria popular, que é uma fonte historica.

Memorando as virtudes do illustre morto não vim até aqui lavar com minha palavra um protesto cõtra a injustiça dos homens, só tenho n'este momento um dever a cumprir, permitti que desempenhe minha missão.

O *Parthenon* pela voz de seu obscuro órgão rende a memoria d'aquelle, que como Presidente Honorario d'esta casa guiou por muitos annos a caravana da mocidade atravez os espinhos de sua affanosa romagem, um tributo de respeito e amizade, uma homenagem de gratidão posthuma, e em nome da mocidade faço votos para que o esforçado campeão parthenonista durma nos seios de Deus, para que o nobre apostolo da caridade durma em paz, porque o tumulo que é a raia d'este mundo tambem é a fronteira de um mundo novo, porque a morte que é o poente d'esta vida é tambem a aurora de uma nova vida.

Que durma em paz a alma do nobre batalhador nos seios de Deus, porque na terra seu nome jamais se apagará de nossa memoria, porque se aquelle que eleva-se pelo estudo, que nobilita-se pelo trabalho, que glorifica-se pela virtude, merece respeito, é um homem de bem, o Dr. Caldre e Fião que foi homem do estudo, do trabalho e da virtude tem jus á gratidão do povo, tem jus ás benções da posteridade.

O SEXTO PECCADO MORTAL

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

J. A. TORRES

O. D. C.

AO POVO PORTO-ALEGRENSE

PELO AUTOR

ACTO III

O TERCEIRO ENCONTRO

Vista de praça. A' direita, no segundo plano, um pequeno «Café», contendo por cima da porta, um letreiro illuminado, designando a qualidade do estabelecimento.

SCENA I

JOÃOSINHO

JOÃOS. (*entrando da E. B. com diversas ferramentas de carpinteiro; vai atravessar a scena, para, ouvindo ruido no Café*) — São beberrões com toda a certeza. Mas causa muita admiração este barulho, porque o *Café* d'este senhor qualquer cousa está sempre em tranquillidade. Nunca o vi assim, apesar de passar aqui todos os dias. (*Pausa*) Ora é boa! Sou um pateta! Pois uma vez, é a primeira, sim senhor, é a primeira! (*Novo rumor. Pausa em que escuta*) Estou sentindo umas comichões cá no interior. Creio que isto significa vontade de ir espiar ali. E se eu encontro o inglez? O diabo se me encosta o côco me joga na Europa. (*Reflecte*) Mas enfim, vou, está decidido. Se o inglez agarrar-me á unha, ferro-lhe o dente e mando-o á fava. (*Sake pela D.*).

SCENA II

COMMENDADOR ALVARENGA E LUCIO

COMM. (*que entra com Lucio*) — Mas isto é uma rematada loucura, uma lembrança insensata, uma idéa estrambótica! Ha de ter muita graça, um cidadão pacato, ir a hotéis com doidos da tua laia. Eu entrar n'este botequim? Estás aviado. (*Novo rumor no Café*) Admirem lá esse hospício farfalhão. Queres juntar-te áquella sucia? Vai, não te pego. Eu porém não te acompanho, não. Olha Vês aquelle letreiro por cima da porta? Pois bem; aquillo é a inscripção da porta do inferno de Dante. Ali estão as horripilantes palavras em caracteres de fogo: *Lasciat'ogni speranza, voi ch'entrate*.

LUC. (*rindo-se á largas*) — Ora, com effeito, meu tio. Se não estivesse em seu perfeito juizo, apostaria que delirava. O inferno de Dante n'aquelle *Café*? Quem diz isso, falta só asseverar, que o Arco-págo foi um salão de dança, que Leonidas e seus Spartanos morrerão espelados no garfo de Xerxes, que os republicanos Mario, Sertorio e Carbão jogarão cabeçadas com Sylla e que...

COMM. (*atalhada*) — Tu és um sandeu! Exemplo: a porção de banalidades que proferiste.

LUC. — O meu tio é muito patusco.

COMM. — Sou patusco? Então achaste algum sal, um pouco de pilheria, ao chamar-te de tolo? Que rapaz penetrante! (*Rindo-se*).

LUC. — Achei muia pilheria; mas sem embargo seria melhor não expressar-se tão levanamente. E se alguém por acaso nos ouvisse?

COMM. — Ficaria no conhecimento das palavras que soltei, nada mais. Talvez tomasse-as como lição e as decorasse. Se assim acontecesse era mais perigo. Podia quando estive-se com os azeites dizer-te alguma cousa. Exemplo: chamar-te buffão de um tio.

LUC. — Basta com semelhante conversa. Então, meu tio, decididamente não me acompanha á um copo de cognac?

COMM. — Nem em sonhos.

LUC. — Bem; vou portanto dizer ao servente que traga aqui para fóra dois café, cognac e rhum...

COMM. — A hi toria me vai de agradando solemnemente. Vê lá se queres fazer de mim, um commendador, algum c:troina do teu calibre. Me apanhaste hoje de bons humores; senão já te havia mandado aos cem demonios. Estou me persuadindo que tentas formar algum deboche... Cuidado!

LUC. — O que disse não vale zangar, meu tio: foi mera brincadeira. Pensei que por vel-o hoje em demasia folgazão, não o irritaria com

meus gracejos. Mas venha sempre. (*A' parte*) O que eu desejo é que elle pague.

COMM. — Já te disse e repito que não entro ali. Ora forte teima! (*Como lembrando-se de repente*) Agora recordo-me de uma cousa que já tinha olvidado. Vou já. Preciso fallar com o conselheiro Athayde.

LUC. — Que pretende d'elle?

COMM. — O meu amigo tem á sua disposição um emprego regular; quero ver se o obtenho para aquelle pobre rapaz que esteve no baile do Albuquerque. O tio de Lauro pediu-me muito e eu prometti que me interessaria por elle. Não desejo agora faltar ao promettido.

LUC. — Mas não considera, meu tio, que vai em busca do seu descredito? Não viu que Lauro é um libertino, um jogador, um ladr....

COMM. — Não acabes, que iusultas um pobre e infeliz moço. Elle é innocente, bem innocente. Aquelle successo em casa do barão não passou de uma torpe calunnia. Havião ali indignos que o atraíçoarão. Eu os conheço assim como Lauro tambem os conhece, mas vejo-me forçado a fazer d'isso um mysterio; porque ao contrario iria desgostar um intimo amigo.

LUC. — Eu ainda não o absolvo (*A' parte*) Talvez me pespeguem com parte das culpas.

COMM. — O instincto de Lauro desconfiou da calunnia n'aquella mesma noite e suspeitou dos verdadeiros réos. Mais tarde porém uma revelação do capitão Leopoldo, que embarcou para a Bahia, aclarou a verdade. Olha que isto ainda é um segredo, Lucio. Não vás dar á lingua com algum leviano.

LUC. — E quaes são os réos?

COMM. — Depois saberás.

LUC. (*à parte*) — E' mais um contratempo. Leopoldo foi-se, mas ha Lauro ainda, Lauro o innocente.

COMM. — Sê mudo. Até logo.

LUC. — Serei um tumulto. (*Ao tio que vai sahindo*) Uma palavra. Continue a interceder por mim. Veja se o barão aunue ao meu casamento com a filha. (*Alzarenha sahe*).

SCENA III

LUCIO

LUC. — O que concluo d'esta nova de meu tio é que ha um quarto amante de Helena e que provavelmente é o mais terrivel e poderoso. Mas quem será elle? Será, pela riqueza, algum Crasso? Será, pelo amor, algum Holophernes? Qual? Não ha de ser uma nem outra

cousa. Está no entalho me dando cuidados esse novo obstaculo. (*Reflecte*) Ah!... parece-me que vou adivinhando. . Verdade seja que custa a crer... Fui... Sou um immenso basbaque, não resta duvida. Cahi como o peixe no anzol. Passei por um intrigante politico. Até que ponto me degradei! Mario abusou de mim e abusou indignamente; mas eu vingou-me d'esse tartufo dê por onde der. (*Pausa*) Entretanto é mais um rival e um d'esses rivaes que passão por qualquer meio para chegarem ao fim!

SCENA IV

LUCIO E BLOW

BLOW. (*sahindo do Café, meio embriagado*) — Mim não estar mais disposta a soffre este canalhe de diables que tenhe me furada s'ouvidas.

LUC. (*vendo Blow casualmente*) — Olá! um novo Baccho!

BLOW. — Mim tenhe uma pêza de treis arrobes no capece. *I allow of that.*

LUC. — Que carraspana!

BLOW. (*dando com Lucio*) — Oh!

LUC. (*desviando-se*) — Onde me vou intrincar? Irra com os ebrios!

BLOW. — *Huzza!* (*Encara Lucio*) Senhorr... *Good night*, senhorr...

LUC. — Viva!

BLOW. — *Yess*, muita brigada. *It is beautiful night*, non ache?

LUC. (*a parte*) — Conheço este sujeito: é o bife que bifeou Lauro em casa do barão.

BLOW. — Mim já entenda senhorr.. *Oh! yess*. Senhorr non *speak english?* E' noite bom, non ache?

LUC. — Acho, sim senhor.

BLOW. — *Very well!* Senhorr estar tóque n'este mão. (*Estende a mão para Lucio*)

LUC. (*a parte*) — Estou arranjado.

BLOW. — *You call upon me to declare* minha nome? Mim chama... *I am Blow...*

LUC. — Estimo muito que o senhor se chame Blow.

BLOW. — Aperta meu mão e diz senhorr como se chame. Mim parece estar conhece senhorr.

LUC. (*apertando contrafeito a mão de Blow*) — Eu chamo-me Lucio de Azevedo e sou sobrinho do commendador Alvarenga, depois de

ser filho de meu pai e neto de meu avô. Quer saber mais o nome de algum parente meu?

Blow — Non, senhorr... mim já estar satisfeito... Mim fique sympathisade com senhorr.,. *I was enchanted with his politeness. Yess!* Está encantada de su polidez. *But* senhorr se chame Lucia do Azevedo? *Very well! Good night, mister.* Mim agora estar perfectamente lembrada... Senhorr dansa lá na baila de senhorr baron, jogue tambem *with* grandes hōmes?

Luc. — Sim, senhor; dansei e joguei. (*A' parte*) Este imitador de Cambyzes não me deixará? (*Alto*) O que é que o meu amigo pretende do seu humilde creado? Que borracho!

Blow. — *Oh!* nom é borrache, non; *but* capece estar cheia de chumba... (*Olhando e regulando os olhos para Lucio*) *Good night,* senhorr! Mim mistura cerveje com vinha p'ra esquentar cranea, e fica meia tapada; *but* nom estar borrache...

Luc. — Já sei d'isso, mas não me demoro aqui, nem estou pelos autos de o supportar. O Sr. Blow cosinhe a *mona* e depois conversaremos. Se quer divertir-se na *capoeira* mande vir alguns moleques para esta praça e entre em exercicio. Eu, pela minha parte, vou exercitar a guela e os intestinos em duas chavenas de café....

Blow. — Se senhorr vai toma ali (*aponta para o Café*) é muita pedaça...

Luc. — De que, Sr. Blow?!

Blow — De genta. *But* café d'esse caso, estar borre, estar na resta, nom vale *money*... Senhorr não entra lá agôro... estar uma barrulha de canalhes que ninguem pôde sóffre. Mim já sahe escafedida e fica reçaibada de ontre lá... *Oh!* nom entra mais, mim já protesta... Sempre resulta barrulhas e brigues...

Luc. — Aranhas, centopéias e lagartixas, Sr. Blow! Viva! (*Entra no Café*).

SCENA V

BLOW

Blow — Larguetixes e'lar tu, camella! Aranhos estar teu capece! Diable de canalhe que é este tambem. *He flies in my face, but* mim nom importa... *I laugh at him. Yess,* mim fais escarna d'ella. Elle nom quiz toma minha conselha, ha de se arrepende. *But,* este estar diable! Meu capece non pare segure na pescoça... quer cahe... Estes cases ande rôde todos. (*Pausa*) Mim vai deita aqui mesma. (*Sentase no chão*) Estar agôre me lembra de um coseu ruim... Se venhe algum carroce com mules por estas lugares e me ache dorme, passe por

cima de barrigue e esborrache os tripas. Mim vai levanta, *but* não possa... (*Deita-se*).

SCENA VI

MARIO E BLOW

MAR. (*entra disfarçado pela E. A.*) — A hora almejada aproxima-se. D'aqui a pouco na profundez d'este silencio tumular retumbarão os gritos de desespero do ente mais vil que o orbe inteiro asylo. Lauro, tu não me conheces, nem aquilatas o meu poder! Julgaste aviltar-me para sempre, mas não calculaste quanto é perigoso ferir o leão sedento de amor e de vingança. Esmagaste-me, mas o meu rancor te fará estremecer de pavor. Nem o homicidio me tolherá a ira. Eu nasci sob um bom auspicio, cresci feliz, era amado por Helena, ninguem sequer ousara disputar a minha ventura; mas appareceste tu, como um genio tartareo sahido das trevas, e turbaste meu socego, roubaste meu amor, empana-te minha gloria! Pois bem, eu combaterei até um de nós entender-se no chão dos mortos! Arrostando tudo. Serei um Appio para essa nova Virginia! Serei um algoz escarnecedor quando implorares misericordia! Cravar-te-hei o punhal como Cassio cravou em Cesar! (*Vai dirigir-se para o Café, depara com Blow*) Um homem deitado aqui! (*Procura reconhecê-lo*) Blow! O inglez n'este lugar! Estará embriagado? (*Toca-lhe com o pé*) Levanta-te.

BLOW (*como acordando n'um sobresalto*) — Tira este carroce de cima de mim, animal bruta! Tu não enxerga, hôme de uma figa? Tu não tenhes olhos n'esse cara p'ra bole teu carroce n'outra sitia? Não me machuca as ossas de costella... P'ra traz, estúpida!

MAR. — Levanta-te, Blow. Aqui não ha carroças, ha apenas teu amigo Mario. Ergue-te. (*Ajuda-o a levantar-se*) Que lembrança foi essa de vires dormir no meio de uma praça?

BLOW (*esfregando os olhos*) — Minha corpo *he fell down*, caia na terre... Mim perceba bem isto... estes coises todos que me tira na chão... *Yess. I make that out very well...*

MAR. — Não regales tanto esses olhos...

BLOW — *The sun is rising already? Yess!* Mim pergunta se sol já estar sahe?

MAR. — Que sol, imbecil? Estás ainda sonhando? Queres que haja sol as nove horas da noute?

BLOW — *Is it night?* Bom noite, senhorr Mária...

MAR. — Tu tens segurança n'essas pernas? Responde. Sendo preciso, podes correr sem risco de cahir?

BLOW — Mim póde vóa se senhorr quer. (*Mostra-se riço*).

MAR. — Não é necessario voar. Segue para a agua furtada que sabes, (*designando a esquerda*) toma de lá duas cordas e vem postarte na esquina da rua. Quando aquelle velho carpinteiro, que te indiquei, passar por ella, avança sobre elle, esmurra, açama-o e trancafia-o bem amarrado no quarto escuro da casinha. (*Olhando casualmente para a D.*) Vai depressa, que elle vem ali. (*Blow sahe pela E. B.*)

SCENA VII

MARIO E SERAPIÃO

SER. (*entrando da direita e á parte*) — Um homem !

MAR. (*que tem seguido Blow, volta a ficar defronte Serapião*) — Boa noite.

SER. — Boa noite. (*Tira o chapéo tambem*).

MAR. — O senhor é... ?

SER. — Sou. (*Quer passar*).

MAR. — Perdão ; espere. Quem é ?

SER. (*zangando-se*) — Sou o diabo que o ha de carregar, não me apoquente. Irra com esta sucia de vagabundos ! E' andar um homem depois das oito horas na rua e ter certeza d'estes encontros. Eu tenho que fazer, senhor : alem d'isso preciso voltar para casa antes das idez horas. O senhor parece-me não ter educação ou então é gatuno. Dexe-me passar.

MAR. (*oppondo-se*) — Tem pressa ?

SER. — O senhor vai dar-me já lugar ou ha de dizer com um milhão de demonios o que deseja de mim ? !

MAR. — Conhece-me ?

SER. — Já ouvi uma voz como a sua ; mas não lhe conheço, nem preciso conhecer-lhe. Seja o que é, que eu serei o que sou. Boa noite.

MAR. — Não passa !

SER. — Passarei contra sua vontade !

MAR. — Ainda mesmo tendo em sua frente, Mario de Abranches ?

SER. — Mario ! (*Assusta-se*).

MAR. — Ah ! já treme, senhor Serapião ? Então é real que o meu nome sempre infunde algum terror ! Pois tem-me diante de si ; tem aqui o algóz de seu sobrinho ! (*Ri-se com sarcasmo*) O senhor está em meu poder. Estar aqui e estar morto equivale á mesma cousa. Entretanto eu me apiedo do senhor ; tenho commiseração dos velhos. Não seria capaz do tocar-lhe.

SER. — Desgraçado de ti se a tal ponto lebares o atrevimento ! Pobre de ti se ousasses tanto ! Quem és tu, ente desprezível ? Então

Te persuades que essa roupagem de polluta nobreza, amedronta os andrajos da indigencia que tem orgulho da sua pouquidade? Então pensas que tremo diante de outro homem? Insensato!

MAR. — Villão! (*Agarrando-lhe no pulso*) — Hei de obrigar-te a ajoelhar e a pedir o perdão d'essa injúria!

SER. — E eu descarregar-te-hei uma bofetada. (*Dá-lhe*).

MAR. (*levando a mão ao rosto e ululando com furia*) — Atrevido infame!

SER. (*tomando-lhe pelo pulso*) — Sou infame! É tu és... provavelmente um homem de bem! Eu que sigo a carreira do trabalho e da honra, sou infame! Tu que trilhas as veredas do vicio, que assemelhas o salteador, és homem de bem! Os seres da tua especie dizem e são os primeiros a crer! Eu entretanto vou contestar!

MAR. (*puxando de um punhal*) — Não dirás uma palavra!

SER. (*desviando-se*) — Assassina-me! Meu peito está aqui. Embebe n'elle esse punhal! (*Sem receio*) Acaba com os infames!

MAR. (*guardando a arma*) — Não quero matar-te, repito.

SER. (*com desprezo*) — Fazes muito bem. A arma dos homens honrados penetrada até ao sangue do villão, levaria o lodo em que este se revolve ás faces d'aquelles. (*Pausa*) Sou um mesquinho operario, um triste carpinteiro que ao amanhecer do dia vai com a enxó falquejar o páu ou com a plaina alisar a taboa, assim de adquirir pela economia e pelo suor do trabalho seu alimento diario e a abastança de sua casa. As vestes pobrissimas não são para mim um descredito. Minhas mãos calejadas não são repellidas pelas mãos do artista probo, nem pelas do proprietario honrado. Sinto-me feliz e rio-me, porque não tenho nm acto que me envergonhe, porque a honra é a minha divisa. Chego porem em presença de um nobre pela geração, mas miseravel e rasteiro pela torpeza; e ouço dizer: és infame! (*Pausa*) Tu nasceste e já no berço tiveste as coberturas de ouro, os coeiros da fidalguia. Cresceste e te inclinaste á ociosidade, porque o trabalho é carga para a alimalia e não para o moço rico e dengoso. O dinheiro, a nobreza e o luxo fizeram-te fascinador. Se a incauta donzella crê nas tuas palavras, tu a seduzes e depois a lanças nas ruas da vergonha. Se um homem offusca as glorias que desejas, tu matas-lhe a reputação. Se um moço torna-se teu preferido rival, tu o perdes e descas ao assassinio. Mas tu olhas sobranceiro para o plebeu e dizes: sou um homem de bem! A sociedade encara para mim e para ti e depois estende-te as mãos, exclamando: um rico, um grande, não mente! Mas eu, abomino essa polluida sociedade e brado com a voz da verdade: um rico e um grande como tu são vis como o verme, são baixos como o desprezo!

MAR. (*furioso*) — Retira-te de minha presença!

SER. — Tens razão! (*Frisando*) Ao pé do homem de bem não deve existir o infame! (*Sahe lançando-lhe um olhar de desprezo*).

SCENA VIII

MARIO

MAR. — Ultrajes! sempre ultrajes d'este vulgacho, e no entanto tremo diante d'elle; sinto-me fraco, sem acção, em face d'estes pobres-tões. Aquella bofetada exigia sangue e eu não pude malal-o! Desarmou-me a indiferença que lhe transluzia nos labios. Como sou covarde! (*Pausa*) Veremos comtudo quem suplantará! (*Dá um passo para o Café*) A hora funesta de Lauro não tarda. (*Rindo-se sinistramente*) Amanhã elle repousará nos tumulos! Muito breve, Helena será minha esposa, ou livremente ou violentada. O plebeu ha de tombar e o fidalgo ha de remontar ao fastigio. Vou emboscar-me no *Café!* (*Entra*).

SCENA IX

JOÃOSINHO

Joãos. (*entra da D. com as mesmas ferramentas*) — Acabarão com o aranzel, porque o inglez sahiu e outros lá ficarão dormindo, cobertos pela bebedeira. (*Pausa*) O mestre passou por aqui, que eu lobriguei; portanto vou vadir ainda. (*Reflecte*) Nada. Vou, mas é seguir a pista do velho e espreital-o. E' provavel que descubra alguma novidade, porque com gente velha, olho vivo... (*Sahe pela E. A.*)

SCENA X

LAURO E MARIO

LAU. (*entra da E. B.*) — Mallograrão-se os meus passos e esvaeceu-se a minha esperança! Como é triste viver na miseria! (*Mario espreita, e vendo Lauro, desce vagarosamente*) Que será de mim, meu Deus! Onde me levará o impulso d'esta desdita? Hei de subsistir, sem meio de vida, sendo pesado a meu tio, sendo repellido pelo proximo, quando supplico d'elle uma graça? (*Cruza os braços*).

MAR. (*tocando-lhe no hombro, com desprezo*) — Sr. Lauro.

LAU. — Mario de Abranches!

MAR. — Elle mesmo! (*Pausa*) Recordar-se das ultimas palavras que proferi ao ser expellido de sua casa? Esqueceu-se; mas terei eu o prazer de lembral-as. Disse-lhe: até ao terceiro encontro! E o nosso terceiro encontro é este!

LAU. (*com frieza, mas um pouco inquieto*) — E a conclusão, qual é?

MAR. — E' que chegou o momento da minha desforra, Sr. Lauro! Lá o senhor teve o poder de um Hercules, mas aqui, n'esta praça deserta, será um pu-illanime!

LAU. — E que desforra se germinou em tua alma sordida e ignobil? Crês por ventura que o humilde filho do povo enfraqueça ante ás ameaças da tua vingança? Crês que me curvilhe deprimido implorando piedade á tua colera? Estás illudido! Eu colloquei-me muito alto para ser dentado pelo reptil!

MAR. — Mas o reptil subirá aonde estiveres, ha de morder-te, e com voz terrivel gritará: (*enterra um punhal no peito de Lauro*) cahe!

LAU. (*apertando o peito com as mãos e soltando um grito de dor*) — Ah! trahidor!

MAR. (*com riso infernal*) — Sejas feliz no inferno, que eu serei na terra! (*Sahe pela E. A.*).

SCENA ULTIMA

LAURO E LUCIO

LAU. — Malvado! Monstro de perfidia! (*Faz contorções. O paletot rasga-se e deixa ver manchas grandes de sangue na camisa*) Ah! (*Dando um passo*) Mataste-me! Mas com a minha morte tu supportarás horriveis torturas! Minha mal...dição bradará no... mundo... (*Desvairado*) Não... nada... para ti... (*Mudando de repente, mas sempre n'uma especie de desvairamento*) Helena... meu doce... anjo... eu vou morrer... e só.. te verei... no céu!... (*Lucio assoma na porta do Café*) Helena... adeus... Perdôa a Ma...ri...o o homici...da. (*Cahe ao comprimento no chão*).

LUC. (*que ouve as derradeiras palavras, corre para Lauro ao tempo que este já tem cahido*) — Foi tarde! Morreu a virtude e o bem de baixo das arinas do mal!

FIM DO 3º ACTO

FOLHA SOLTA

FRAGMENTO

I

A H.

I

Uma indisivel tristeza se apoderou de mim ao abandonar a formosa aldeia da Soledade, onde medra a mais perfumosa sensitiva d'aquelle encantado vergel.

No derradeiro instante da partida, não pude deixar de volver os olhos magoados áquellas poeticas casinhas brancas, que bordão pittorescas as fraldas das montanhas..

Eu as contemplava atravez da luz purissima de uns olhos encantadores cujos raios ainda docemente penetravão nos gelos da minha alma..

II

Oh ! creatura do céu, para que surgiste em meu caminho ? Rosa, para que me deste o teu perfume ? Astro, para que me deslumbraste com o brilho da divina aureola que te cinge a fronte virginal ?

Deixa-me passar... Não vês que eu levo na fronte o stigma de uma maldição eterna ?

Afasta-te de meu caminho. Olha, eu sou o Ashaverus das tradições hebraicas. Deixa-me passar.

Amanhã... quem sebe?... talvez sobre meu corpo apodrecido no centro de uma floresta virgem, se banqueteeem no estridulo das gargalhadas satanicas, faminto bando de larvas do inferno.

III

As flores que me dóste n'aquella tarde guardeia-as em meu seio ; guardei-as sim Erão tão perfumosas, tão puras. N'ellas eu contemplava a tua imagem, a tua candidez, infeliz. Mas ai ! murcharão ao fogo da minha febre. Eu sou um condemnado. Hoje jazem confundidas no chão poarento do caminho, onde as deixei com as minhas dor-radeiras crenças, orvalhadas nos ultimos prantos da saude.

Sonhos, esperanza, amor, ventura, aspirações, tudo, tudo é findo, é morto, é nada !

Oh ! escarneo ! oh ventura ! oh minha febre !

Deixa-me passar. Não vês que a minha lepra é contagiosa, que o meu balito envenena e as flores de minha alma fanarão apodrecidas ?

Oh ! foge, foge, tu és uma criança !

IV

Rosa, eu nunca te amei ; astro, a tua luz foi um mytho ; anjo, a tua aureola é uma mentira, a tua virgindade um sonho !

No seio perfumado dos lyrios occulta-se a larva immunda dos fetidos sepulchros.

Choras ? Ah ! e quem me diz que teu pranto não é veneno que se distilla de tua alma ? As flores são bellas, ainda mais bellas se as lagrimas da aurora lhes rocião as petalas, e no entanto matão !

E's talvez a miragem que seduz aos filhos do deserto, e emquanto o desgraçado cabe extenuado sobre um chão de fogo, tu lhe foges caprichosa nas azas das brisas do sol posto.

Oh ! foge, foge, tu és uma mentira.

V

Eu nunca te amei, ouviste ? Nunca. No tenebroso dia da minha vida, um astro brilha com sua luz immensa. Por meus ouvidos vaga outra harmonia que não a de teus labios. Outras fallas me encantão, outros olhos me seduzem. Sim eu vejo em seus raios a escaða dos sonhos do patriarcha biblico, por onde o meu espirito terá de subir ao seio immaculado do Creator. Essa eu sei que é pura como um pensamento de bens porque elle a formou de uma baga de seu pranto no seio da creação. Eu a contemplo n'um raio curto de luar, que roça nos to-daças da terra sem polluir seu brilho.

VI

Uma fatalidade atirou-te em meu caminho, mas outra te repelle. Não chores, infeliz... Não vês que tuas lágrimas me queimão, que teus soluços me espedação? Mas ai! a tua dor é uma mentira, um escarneo, uma zombaria em face da desgraça.. Oh! não perdda.. Tu és tão pura ainda!... Eu vejo em teus olhos o brilho das estrellas e em tuas faces a transparencia de tua alma. Teus labios tem uma harmonia doce, vaga, arrebatadora como o canto indivisivel das espheras, o suspirar melancolico do orgão de um templo.

E no entanto eu não te posso amar! Meu coração é gelo, meu peito é um deserto, a escarpa onde se quebra um oceano de de graças!

Escuta: ouves o fremito de uma mortalha que ondula aos ventos gelidos da morte; o echo de um vendaval que ulula nos ermos do cemiterio á noute?

São meus labios que te fallão, infeliz, que te dizem que este amor é uma desgraça, uma maldição, uma fatalidade dos céus ou dos infernos, quem sabe?

Oh! foge, foge, deixa-me passar!

D. Izabel, Abril — 76.

TANCREDO.

DADOS HISTORICOS SOBRE A PROVINCIA

Quartel-general na villa Setembrina 30 de Dezembro de 1839.

ORDEM DO DIA

O general presidente e commandante em chefe do exercito, faz constar ao mesmo, que tem nomeado para secretario militar ao cidadão José Pinheiro de Ulhoa Cintra, para ajudante de ordens aos Srs. coronel Manoel Gomes Pereira, e aos majores José Maria do Amaral, João Pinto da Silva e Manoel Vieira Lima; para ajudante de campo o Sr. capitão Antonio Leite d'Oliveira, devendo servirem de officiaes as ordens os Srs. capitão Francisco Ortiz e os tenentes Numa Pompilio Meirrelles, Joaquim Gonçalves da Silva e João Chrisostimo.

Fica exonérado do emprego de Secretario militar o cidadão Luiz José Ribeiro Barreto, por assim o haver requerido. — *Bento Gonçalves da Silva.* — Está conforme — *Manoel Antonio da Porciuncula,* tenente-coronel ajudante de ordens.

Quartel do commando da 1.^a brigada de guardas nacionaes em Pelotas
16 de Fevereiro de 1842.

O abaixo assignado tem a distincta satisfação e gloria de apresentar a seus companheiros de armas a ordem do dia do exercito, de 10 do vigente, em que S. Ex. o cidadão general em chefe manifesta seu ar-

dente desejo de que os Srs. officiaes, demittidos sem as devidas formalidades, se apresentem a responder a conselho de guerra, e d'est'arte se poder justificadamente julgar de sua justiça, ou criminalidade.

Portanto, o mesmo commandante espera, que nenhum que nutra em seu coração sentimentos de verdadeiro republicano, se deixará de apresentar por qualquer pretexto que seja a defender seus direitos pelos meios estabelecidos nas leis.

Tocando no segundo paragrapho da mesma ordem, o commandante com o maior prazer e disvelo continuará em um commando que lhe faz tanta honra; porém, para cujo transcendente empenho, espera contar com os assiduos esforços de todos os cidadãos officiaes, officiaes inferiores e guardas nacionaes de tão distincta corporação, com seu zelo republicano, amor á ordem e á liberdade.

Manoel Lucas d'Oliveira.

Ilm. Sr.

Em religioso cumprimento ao que me ordenou o cidadão general em chefe em seu officio de 11 do regente, cumpre que V. S.^a se dirija officialmente ao digno chefe de policia d'esse municipio, para de common accordo procederem ao alistamento geral de todos os cidadãos que hajão adquirido a idoneidade para serem guardas nacionaes, e me envie uma lista geral de todas as praças d'esse esquadrão (depois do alistamento) para se organizar á vista d'ella o competente livro do corpo. O esquadrão do interino commando do major Queroquero tem já minhas ordens a respeito, e se conserva empregado sobre Pelotas até segunda resolução de S. Ex.

Exijo igualmente que V. S.^a, em podendo, me envie uma lista das faltas d'esse esquadrão, de armamento, vestuario, ponxes, etc., mandando logo a Piratiny um official a receber as fazendas.

A ordem do dia junta, V. S. se dignará mandar publicar e correr até fazel-a chegar ao conhecimento dos officiaes do seu corpo que forão demittidos sem o requerer; dirigindo-se a cada um de per si, para que como verdadeiros republicanos compareção a defender-se ante um conselho de guerra.

Espero que V. S.^a me coadjuvará de hoje em diante, como o fez sempre.

Deus guarde a V. S.^a como é mister á patria.

Ao cidadão major Urbano Soares da Silva.

Oliveira.

Cidadão general em chefe.

Secretaria da guerra em Candiota 24 de Janeiro de 1844.

Tendo de criar-se um conselho supremo militar para decidir em ultima instancia das duvidas que se suscitarem nas sentenças proferidas nos conselhos de guerra, com ingerencia em outros assumptos militares de summa importancia, o presidente constitucional da republica vos ordena de designar um official general e seis coroneis que reunão a necessaria aptidão para tão oneroso e transcente emprego ; ao qual vai encontrar a classe militar um infallivel apoio contra as injustiças a que tem estado até agora sujeita. O governo falla em injustiças, quando se prova, que existem não poucos officiaes presos a dois, tres e quatro annos, respondendo a conselho, e que ainda não forão definitivamente julgados !

O que de ordem do governo vos communico para vossa intelligencia e execução.

Deus vos guarde, como é mister á causa publica.

Cidadão general David Canabarro.

Olivceira.

Cidadão general em chefe.

Secretaria da guerra em marcha 24 de Janeiro de 1844.

Hontem marchando já para esse destino me forão entregues vossas communicações de 16 e 19 do corrente, e hoje realisei a entrevista com o cidadão capitão Frederico Gonçalves, ficando intelligenciado do que verbalmente mo scientificou de vossa parte, e de quanto me avisaes nos officios e mais escriptos adjuntos,

Remetto-vos tambem agora a copia do officio dirigido por esta secretaria ao cidadão general Antonio Netto em data de 13 do corrente, a que deu resposta vocal.

O cidadão general Bento Gonçalves chegou d'alem do Camaquam no dia 18 do corrente, deixando ali o coronel Joaquim Pedro, e tomou

aqui no mesmo dia 18 o commando da divisão provisoria, recebendo com elle as mesmas ordens que teve o antecessor.

O mais que de parte do governo tenho a scientificar-vos, o farei em nos encontrando, e será breve.

Deus vos guarde, cidadão general em chefe, como é mister ao bem da republica.

Cidadão general David Canabarro.

Cidadão general em chefe.

Secretaria da guerra em Candiota 24 de Janeiro de 1844.

Por esta repartição dos negocios da guerra passo ás vossas mãos os decretos de 22 do vigente, para lhe dardes a devida publicidade e execução no exercito de vosso mando.

Um d'elles tende, cidadão general, á organização do exercito, e vos autorisa competentemente a dar-lhe a mais adaptada ás circumstancias da epocha; sobre o que cumpre-me de parte do governo da republica recomendar-vos: Aproveitai a lição do passado. Tendes de construir a machina do exercito; empregai unicamente n'ella só mólta sãs, reconhecidas e vigorosas; recommendai ao governo as velustas damnificadas para convenientemente as empregar em outros ramos que reclamão um movimento menos activo. O homem de guerra deve ser forte, activo, emprehendedor, amigo da ordem e da disciplina. O official que não reunir estas qualidades pôde servir para outro qualquer emprego, de tantos que a nação tem de criar.

Não é tempo de errar, depois de uma lição de nove annos consecutivos de luta; e, si se errar, ninguem nos desculpará. O mais que teria de memorar-vos o supprirá vosso tino militar, guerreira pratica e consummada experiencia.

M. L. d'Oliveira.

Cidadão general.

Secretaria da guerra em marcha de Candiota 24 de Janeiro de 1844.

Pelo capitão Frederico Gonçalves foi entregue ao governo um offi-

cio do cidadão general em chefe do exercito de data de 19 do corrente, com outro de 16 conduzido pelo patriota tenente-coronel Thomaz Pereira, ambos os proprios com instrucções verbaes, além das expedidas nos officios para a prompta marcha da divisão de vosso commando para o exercito, que a esta hora estará por Pirahy em Bagé. Urge pois imperiosamente, que dia e noite, forçando as marchas, executeis a referida junção, desfazendo os obstaculos todos que se vos hajão de oppor.

O que de ordem do governo vos communico para vossa intelligencia e plena execução.

Deus vos guarde, cidadão general, como é mister á causa publica.

Cidadão general Bento Gonçalves da Silva.

M. L. d'Oliveira.

Meu patricio e amigo Hilario Amaro.

Candiota 24 de Janeiro de 1844.

Pelo cidadão Firmiano Lucas vos envio uma ordem do ministro da fazenda para receber de vós todo o dinheiro que houver na collectoria de vosso cargo (ou em moeda ou em conhecimentos) para com elle acudir ao pagamento de cavallos e mais misteres para o exercito; esperando sereis solícito em enviar-me pelo mesmo proprio toda e qualquer quantia que possaes arranjar com algum sacrificio me-mo.

Se existir n'essa collectoria uma letra firmada pelo cidadão Antonio José Nunes, eu a receberei como dinheiro corrente, podendo vós entregal-a ao mesmo proprio, depois de exigir d'elle e do mais que lhe entregardes as competentes clarezas na mesma ordem de 13 que vos apresentará.

Deus vos guarde e vos conserve feliz como deseja.

O vosso patricio e amigo por sympathia

Oliveira.

Felicitação que dirigem os officiaes, officiaes inferiores e guardas nacionaes da 1ª brigada ao Illm. e Exm. Sr. Bento Gonçalves da Silva por occasião do seu apparecimento no Estado Rio-Grandense.

Heróe do continente ! Com que jubilo empunhamos a penna para vos saudar e bendizer o momento feliz que nos annuncia a vossa chegada ! Nós carecíamos a eloquencia de um Cicero para traçar-vos com expressivas côres o mais solemne encomio ; porém os bons desejos supprirão a escassez das luzes. Sim, benemerito da Patria, incomparavel foi a dor que soffremos com a triste, lugubre e acerba nova da vossa prisão, e mais serem o vosso desgosto e a pena, quando crueis verdugos da humanidade decretarão a barbara sentença de vossa deportação, carregado de pesados ferros, como o maior criminoso. Porém hoje a Providencia Divina satisfez nossos desejos, ouviu nossos votos e nós vos vemos apparecer alegre e triumphador : oh ! prazer ! oh ! jubilo ! oh ! gloria para os livres ; oh ! desgosto ! oh ! castigo ! para os inimigos da patria. Cruel remorso do crime fará prestes succumbir essa horda sanguinea e inerme ante vós, cuja vista vem dobrar o esforço dos vossos fieis amigos, os livres republicanos.

A vossa obra, preclaro chefe do Estado, os livres a depositão em vossas mãos illeza e sem mancha : premiaí a virtude, puni o delicto e crime, manifestamente justificados, e será breve consummada. Nas sabias mãos a tendes, aperfeçoai-a fazendo justiça. Firmai em justas leis que proclamamos supplices, apropriadas ás circumstancias presentes, a futura sorte do Rio Grande ; e immortalisareis o vosso nome, promovendo nossa prosperidade.

Seguião as assignaturas de todos os chefes.

Benemeritos cidadãos, officiaes, officiaes inferiores e guardas nacionaes da 1ª brigada.

Bravos sustentaculos da liberdade do continente ! Extasiado de prazer li a honrosa felicitação que me dirigisteis, e jamais riscarei de minha memoria tão distincto obsequio agradecendo-vos as lições expressões na mesma exaradas.

Longo tempo oppresso victima dos verdugos da nossa patria, eu encarava contente minha acerba sorte, a par dos triumphos e louros que ornavão vossas frontes.

Trabalhei incessantemente por vir secundar vossos esforços e felizmente não forão improficuas minhas diligencias. Eis-me pois entre vós! Oh! que prazer disfructo n'este delicioso momento; se a patria, se os virtuosos rio-grandenses de mim confião a alta missão de dirigir seus futuros destinos, ousou affiançar-vos que me não pouparei a sacrificios para consolidar no continente o unico systema que lhe garanta paz e verdadeira felicidade, firmada nas solidas bases de justiça e equidade, punindo o crime e alentando a virtude, forte egide das democracias. Mister é pois ora esforçar-nos em terminar com nossos inimigos, para o que deveis em tudo contar com vosso antigo amigo e companheiro. O throno do Brazil se acha por toda a parte convulso e prestes se autolha sua queda e nosso triumpho; ficando-nos a gloria immortal de haver orientado as demais provincias a senda de sua felicidade. A virtude, constancia e união que haveis manifestado é sufficiente garante de nosso preste triumpho, de que extasiado vos dirije os parabens.

Bento Gonçalves da Silva.

Illm. e Exm. Sr. — A camara municipal da villa de Alegrete, tendo em vistas os males que podem sobrevir á republica em consequencia do estado progressivo em que ella se acha, pelo que diz respeito a leis, constituição e governo, pois que os inimigos do systema jurado podem d'isso servir-se afim de apoucar a força moral que a causa rio-grandense tem adquirido, não só no seio do Estado, como entre os povos livres e philantropos que nos circundão, tributando a V. Ex. as devidas homenagens de que se faz credor, vem requerer a V. Ex. em nome dos cidadãos de seu municipio, em conformidade do que deliberou no acto de proclamar o systema republicano e independencia do Estado, que se digne sem mais perda de tempo fazer convocar a assembléa geral legislativa e constituinte, determinando que se reuna na povoação mais central da republica, para organizar a constituição do Estado, fazendo na que actualmente nos rege as alterações exigidas por nossas circumstancias politicas.

O systema que ha jurado, Exm. Sr., vistas as elevadas virtudes que os rio-grandenses tem desenvolvido, é proprio para fazer a felicidade de nossa patria, assim como já fez, ainda em nossos dias e faz a gloria e grandeza de grandes povos. Mas é preciso para isso que elle seja levado a effeito com aquella pureza de patriotismo que o caracteriza os cidadãos dos Estados-Unidos da America, os quaes tem o direito de serem considerados na materia, como os mestres do mundo moderno. Elle deixa de ser republicano e não pôde ser origem de bem

algun se por fatalidade o não appellão a uma constituição politica e um governo que tenham seu fundamento na vontade geral do povo, vontade que se não pôde conhecer, e muito menos exprimir, senão por meio dos representantes do mesmo povo, livremente eleitos. V. Ex.^a merece o voto unanime d'esta camara.

Não é pois outro motivo da presente representação, senão o temor de que pelo desprezo de formalidades, aliás essenciaes, possam os ministros de V. Ex.^a fazer que a republica rio-grandense desmereça aos olhos dos esclarecidos republicanos, que existem espalhados por todo o Brazil e dos demais povos livres.

Embora o inimigo occupe alguns pontos da republica, não pôde o Estado deixar de lucrar muito com a reunião da assembléa constituinte, pois com essa providencia indispensavel se consolidaria a força moral que a republica tem adquirido, e o governo de V. Ex.^a se viria então mais forte para com mais facilidade expulsar do paiz esses nossos inimigos, que ainda inquietão a republica. Alem d'isso teriamos na assembléa constituinte um corpo respeitavel, que de um golpe cortaria pela raiz alguns reccios, ou desconfianças, que por ventura os inimigos de nosso systema possam introduzir na população menos sensata e que a prometter-se que vegelem não podemos deixar deter funestas consequencias.

Entende esta camara que a villa de Caçapava é o lugar mais proprio para a reunião da assembléa constituinte, e não duvida avançar que tambem muito conviria que o governo de V. Ex.^a se transferisse para aquella villa, não porque ali ficaria no centro dos heróes, que sustentão a republica, como por outras muitas razões que não poderão escapar á perspicacia de V. Ex.^a Pôde V. Ex.^a certificar-se da alta estima e consideração com que esta camara reverencia a V. Ex.^a.

Paço da camara municipal da villa de Alegrete, em sessão extraordinaria de 26 de Junho de 1837. — Illm. e Exm. Sr. José Gomes de Vasconcellos Jardim, presidente da republica. — *Joaquim dos Santos Lima*, — *Luiz Ignacio Jacques*. — *José Ignacio dos Santos Menezes*. — *Joaquim Antonio da Silveira*. — *Francisco da Costa Silveira*. — *Francisco Luiz Magalhães Barros*. — *Francisco Maria da Silva*. — O secretario, *João Da nascono Góes*. — Está conforme — O official-maior, *Antonio Belarmino Ribeiro*.

Cidadão tenente-coronel Manoel Lucas.

Vossos feitos, orientados por vossas virtudes patrias, atravez de reprovações, quando ajudaes a cimentar o alicerce de nossa emanci-

pação politica; vosso exemplo de equidade, indultando vossos oppositores, sacrificando n'elles a patria os effeitos de tantos dissabores: vossa prompta cooperação a despeito de vosso máu estado de saude, para voareis ao lugar do perigo, ou aonde se faça mais precisa vossa presença, como um dos baculos da dignidade rio-grandense: emfim todas as mais qualidades que possuis, e caracterizar devem a um abalado campeão, tão brandamente me arrebalão, e a outros patricios, que abalados da mais doce e grata commoção, nos damos os parabens por possuirmos em vós um tal irmão em nossa patria.

Cidadão tenente-coronel: Desnecessario nos é recommendar-vos que continueis a abrilhantar nossa plausivel carreira: temos certeza de conhecereis indispensavel pesar sobre vós, bem como sobre outros dignos patricios, os destinos de nossa chara patria. Nunca ella foi abandonada de vós e de seus dignos filhos! Ajudai a salvá-la! e trabalhando contra o poder absoluto, tereis em premio o absoluto dominio nos corações dos livres habitantes d'este solo.

Distincto cidadão: se trabalhasseis menos por habito moral que por interesse, podieis desejar um mais egregio e lisongeiro senhor! Se nos conhecesseis ser-vos-hia possivel contestar-nos renunciando acaso a posse de tão apeteceveis imperios; mas considereis, que sendo vós um dos integros da patria, em quem residem virtudes, tendes atrahido nossas atenções e respeito. Tambem não nos negareis a livre acção das nossas oblações pelos direitos que já tendes a ellas: recebei-as pois, e com ellas os corações dos patricios que se não tem a felicidade de conhecer-vos, possnem a fortuna de amar-vos e saber-vos fazer justiça,

Fronteira de Rio Pardo 12 de Junho de 1839.

Dispensai nossas assignaturas.

Piratyngy 1º de Setembro de 1838 — Terceiro da independencia e da republica. — Decreto. — Determinando o decreto de 21 de Abril do corrente anno a reorganisação dos corpos de cavallaria de 1ª linha, e que se procedesse á proposta geral dos officiaes tanto n'estes como nos mais corpos da mesma linha para serem elevados ao seu estado completo em attenção á grande falta que em todós se experimentava de officiaes, resultando d'isso grave prejuizo á boa ordem do serviço e disciplina dos mesmos corpos, e havendo o general em chefe do exercito em cumprimento da disposição do dito decreto organizado a proposta geral dos officiaes para os preditos corpos e estado-maior do mes-

mo exercito, o presidente da republica ha por bem approval-o e promover nos corpos para que vão designados os officiaes e mais praças constantes das relações que com estes baixão assignadas por José da Silva Brandão, ministro e secretario de Estado dos negocios da guerra e interinamente da marinha e exterior. O mesmo ministro assim o tenha entendido e faça executar com os despachos necessarios. — *Bento Gonçalves da Silva* — *José da Silva Brandão*. — Cumpra-se, registre-se, imprima-se e publique-se. — Era et supra. — *Brandão*. — Está conforme. — O official-maior da secretaria. — *Eleuterio José Pereira*. — Está conforme — *Netto*.

Illm. y Exm. Sr. ministro de la guerra D. Manuel Lucas de Oliveira.

Quartel-general en las Puntas de Arapey, Marzo de 1844.

Es en mi poder la apreciada de V. Ex. del 11 del que rige. Estimo infinito las buenas y distinguidas atenciones con que se digna favorecerme en ella. Estoy persuadido que cuanto hiee en favor de la causa rio-grandense y los pequenos obsequios que las circunstancias me permitieron dispensarles en los momentos que tuve la honra de estar em medio de los republicanos de esa; no es mas que un limitado servizo que me imponia mi deber e simpatias hacia las parsonas, dignas de mejores consideraciones.

Sin mas objeto se repite de V. Ex. seguro servidor e amigo

Fructuoso Rivera.

BIOGRAPHIA

O DR. JOSE' ANTONIO DO VALLE CALDRE E FIÃO.

(CONTINUAÇÃO)

IV

E' agradável ver o homem que passa seus dias sobre os livros, no exame e cura das molestias, entre as fadigas e os cuidados, descurar por um instante todos os seus labores e deixal-o escoar rapido á sombra das arvores ou gosando os perfumes das flores dos campos.

As horas vagas do hoimem da sciencia dá-as elle ordinariamente a communicação dos seus semelhantes, quer fazendo-os scientes de suas observações, quer atirando ao seu coração idéas santas em favor da humanidade que soffre e que precisa de soccorros.

No seio da familia pôde a amenidade do seu caracter tornar doces os labores domesticos dos seus e enebriar-se nas doçuras que derramão os labios da infancia.

O homem publico, afadigado, victima muitas vezes do travo da maledicencia e da inveja, recolhendo-se ao lar domestico, retempera o seu espirito e acha o conforto e lenitivo precisos para proseguir na sua veda de espinhos.

E' no seio da familia que é grato vel-o ; ama com estremecimento sua consorte e companheira de muitos annos e despende seus cuidados com seus filhos adoptivos.

O seu sitio ou morada campestre é o remanso da paz dos seus, que ali sempre o aguardão com prazer.

Algumas vezes, n'outro tempo, deixava suas occupações para ir passar dias nas lidas dos campos, o que occasionava queixas de seus doentes — era um erro que se lhe apontava, porque o reputavão necessario no exercicio de sua profissão.

Como medico dos pobres e como libertador dos escravos, o Dr. Caldre teria já um nome digno de sympathia.

Entretanto em meio de seus companheiros o conhecião por seu genio creador e organisador, e o prognosticavão proprio para a administração.

E' assim que entre os moços do seu tempo elle era o regenerador e sustentador do *Gymnasio Litterario*, que por tantos annos fez brilhar bellos talentos da mocidade do Rio

Quando sustentava a causa da liberdade dos escravos, fundou ainda no Rio a sociedade *contra o trafico e promottora da colonisação e civilisação dos indigenas*, que existiu até a sua retirada d'aquella cidade

Membro da *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional*, e da *Imperial Sociedade Amante da Instrucção*, cooperou com proveito em ambas as associações para os fins a que ellas se destinavão.

Nos jornaes que ali redigiu-se tem propostas de proveito para o paiz — as escolas de agricultura, as estradas de ferro, o telegrapho, fabricas importantes e culturas proveitosas.

N'esta provincia fundou na cidade de S. Leopoldo, o templo do Senhor Bom Jesus dos Passos, o qual ainda não está concluido mas já adiantado.

No municipio do mesmo nome fundou a povoação de S. Christovão de Itapuy para cuja igreja concorreu com dinheiro seu.

N'esta capital, quando incumbido da inspectoría da instrucção publica da provincia fundou o *Instituto Historico e Geographico Rio-Grandense*.

Quando presidente da sociedade de *Beneficencia Brasileira* fundou o *Hospicio*, magestoso edificio cuja construcção se deve ao zelo e trabalho do Sr. Luiz Cavalcanti.

E' fundação sua, e devida somente a sua iniciativa, a *companhia de exploração e manufactura dos marmores da provincia*, que a ser bem dirigida e administrada pode ser a sustentadora de uma fonte de riqueza e producção para nossa terra, alem de dar trabalho e desenvolver as aptidões artisticas dos nossos patricios.

O que elle ha feito cooperando na *Libertadora de crianças*, sociedade levantada pelo Conde de Perto Alegre, mas confiada a sua direcção, todos nós sabemos.

E ainda se póde esperar alguma cousa mais, do homem que vive, que gosa saude e forças e que póde ter ainda diante de si alguns annos para empregal-os em proveito da nação e da humanidade.

CIRCULAR.

SECÇÃO DO MUSEU DO PARTHENON LITTERARIO.

ILLM. SR.

O Parthenon Litterario presuroso em concorrer sempre o quanto possível com seu esforço e patriotismo a pról de tudo quanto possa ampliar ou relaccionar-se á grande causa da civilisação e progresso moral e material desta heroica provincia, resolveu formar um nucleo para a creação de um museu provincial, que simultaneamente servisse para congregar em um ponto dado todos os preciosos specimens das riquezas naturaes desta esplendida região da America Meridional, e de centro para o estudo das sciencias peculiares.

Neste intuito nomeou dentre os seus membros, os que constituem a commissão abaixo assignada que, confiada no acolhimento que lhe dispensou a imprensa, no grandioso auxilio prestado por todos a quem particularmente se tem dirigido, convicta da magnitude da idéa que procura tornar pratica e de que não appellará em vão áquelles que por sua illustração, patriotismo e valor, tanto realce e gloria hão dado ao nome da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, espera chegar ao almejado escopo.

E' ainda alimentada a esperanza da commissão de que esse brilhante resultado será obtido em futuro não remoto, a geral sympathia de que se acerçou o tentamen e a admiravel rapidez com que vê progredir a realisação da grandiosa idéa.

A commissão, pois, a pról dessa idéa que significa o engrandecimento da patria, vem solicitar de V. se digne ligar o seu nome e dispende o seu prestigioso auxilio a uma creação tão fecunda em vantajosos resultados.

Aproveitando a oportunidade que ora se lhe proporciona, a com-

missão do museu do Parthenon Litterario vem protestar o seu reconhecimento á imprensa e a todos os distinctos cidadãos que tão expontaneamente a tem coadjuvado, contribuindo para que tenhamos já reunido um importante e variado material de subido valor intrinseco e scientifico, e para invocar ainda o seu patriotismo e illustração a pról da idéa cuja realisação constitue a honrosa missão que a ella foi confiada.

A commissão assim que tenha classificado os diversos exemplares que lhe hão sido remettidos, dará delles detalhada noticia pela imprensa.

Para maior facilidade, interesse e exactidão roga encarecidamente a todos os que se dignarem coadjuval-a, hajão de acompanhar a remessa dos objectos com o seu historico, ou pelo menos com minuciosas informações, especialmente a localidade onde forão elles encontrados.

Podem taes objectos, memoriaes ou quaesquer outras indicações, ser remettidos ao director da commissão á rua dos Andradas n. 44 ou indistinctamente a qualquer um dos abaixo assignados.

Fimiano Antonio de Araujo.

José Bernardino dos Santos.

Pedro Soledade.

Augusto Totta.

HARMONIAS EPHEMERAS

Mais um livro, inspiração de um fulgido talento, acaba de publicar-se na côrte, enriquecendo a litteratura patria. E' elle um volume de poesias do jovem rio-grandense Francisco Antunes Ferreira da Luz, uma das mais brilhantes intelligencias que ornamentão a academia de medicina. — Antunes da Luz não é desconhecido para nós ; aqui publicou elle os seus primeiros versos nesta *Revista*, e havia já conquistado um nome distincto entre os seus companheiros de lides litterarias.

Nos é grato neste momento escrever estas linhas relativamente ás poesias de Antunes da Luz; de um lado enche-nos de jubilo o triumpho de um amigo, de outro alegra-nos ver que mais um filho da provincia a honra envolvendo-se na vanguarda do progresso.

Coração rico de sentimentos tem Antunes da Luz bem merecido a sympathia publica, e assim é que na côrte tem-se rendido preitos, mas preitos que só o talento conquista.

Saudamos com toda a effusão da alma as *Harmonias Ephemeræ*, e publicamos em seguida o que disse a imprensa da côrte ácerca do livro de Antunes da Luz :

1) Do talentoso poeta Ferreira da Luz recebemos á ultima hora um livro de poesias, intitulado *Harmonias Ephemeræ*,

As poesias que correm impressas deste autor têm sido acceitas com o enthusiasmo que é digno áquelle que com tanto proveito e gosto cultiva este difficil ramo de litteratura ; por isso préviamente podemos dizer que o livro que temos a vista é excellente.

Não obstante, nos compromettemos a dar no próximo numero da *Revista* uma noticia circunstanciada, ou antes uma justa critica a que tem tanto direito o distincto 6º annista da Escola de Medicina desta côrte.

1) Da « Revista do Rio de Janeiro » de 22 de Julho.

2) Moço de inquestionavel talento e decidida vocação para as letras, o autor das *Harmonias Ephemeras* merece não só animação, como applausos publicos.

O seu livro, onde o lyrisimo predomina, é uma promessa de excelente poeta, pois ha ali inspiração, sentimento e doçura no verso.

Algumas poesias são intimas, outras patrioticas e philosophicas; em todas revela-se o Sr. Ferreira da Luz um escriptor de gosto e idéas elevadas.

3) O autor revela, entretanto, um espirito superior e um estro poetico acima de toda a contestação.

As poesias *Nyaya*, *Elegia* e *Contrição* são compostas de versos soltos primorosos, que não desdenharião assignar os nossos melhores poetas. O soneto da pag. 63 *Flor occulta*, *Suspiros*, *Reynaldo*, *Cançoneta*, *Ultima folha*, *A saudade*, *Ao sonho*, *Carta* e *Meus olhos* são composições lyricas do mais apurado gosto.

4) Não é o Sr. Luz um novel poeta que vem agora receber a sagração de seu talento; nãe as suas produções já têm sido apreciadas pelo jornalismo de sua provincia natal, o Rio Grande do Sul, e pelo da cõrte.

As suas poesias são em geral cheias de encantador lyrisimo.

Destacaremos as que têm por titulo: *Nyaya*, *A caridade*, *Elegia a Fagundes Varella*, *Lyra dos vinte annos*, *Dous genios*, *O medico*.

5) Tenho sobre a mesa um volume de versos. - Versos! Ainda ha quem os escreva, e, cousa espantosa! Ainda existem editores que aventurão dinheiro sobre rimas! O mundo, com certeza não cria juizo. Cada vez vai mais às tontas! Ainda canta, o velhusco! Ainda atura, que cantarollem junto d'elle!

O novo poeta é um estudante de medicina quasi a concluir os seus estudos. Assim, pois, quasi ao entrar de homem na vida, quiz gravar

2) Da « Reforma » da cõrte de 22 de Julho.

3) Do « Diario do Rio » de 25.

4) Do « Globo » de 20.

5) Folhetim do « Jornal do Commercio » de 23.

nas arvores de sua mocidade as estancias que foi cantando no descuido da primeira idade.

O Sr. Ferreira da Luz é filho do Rio Grande do Sul e ha no seu olhar de poeta alguma cousa das vastidões, das campinas sem termo que fitou em creança.

A sua musa é uma simples rapariga que sonha com os luares e que entumece o seio quando ouve fallar de guerras, como uma boa Rio-Grandense que é.

Canta Osorio, Menna Barreto, Varella e o Barão de Tautphœus, isto é, tem adorações pela poesia, pela gloria e pela sciencia.

Eis aqui algumas lagrimas da sua elegia ao grande poeta :

« Mar, serena a tua voz, recolhe as vagas ;
Mar, chora o teu cantor que já não vive !
Sol, estrellas da noite, infindos mundos,
Mundos cheios de amor que elle sonhára,
Suspendei vossa luz por um momento,
O luto derramai neste horisonte ,
Em trévas sepultai este hemispherio,
Respeitai nossa dôr, Varella é morto !
Morto, morto, sem luz, sem vida, extincto
Arrancado do espaço, em pó desfeito,
Roubado ao firmamento, envolto em trévas,
Aquelle sol das terras do Cruzeiro,
Aquelle sol dos mundos de Colombo !

O sentimento corre em sangue vivo por esses versos.

Agora, eis aqui como o poeta pranteia em ode, em cordas de bronze, o trucidamento dos estudantes cubanos pelo crime de defenderem a patria contra o governo hespanhol !

E a humanidade em pasmo assiste áquella scena !
A natureza em luto esconde-se abatida.
A Hespanha está vingada, a fé está redimida.
A historia embebe em sangue a ponta de sua penna...
E a humanidade em pasmo assiste áquella scena !

Temos por ultimo as lyras amorosas do poeta. Eis a carta simples, escripta talvez em uma tira de papel, com os olhos cheios de saudade e com o coração a palpitar de anseios, e quem sabe se de ciumes :

CARTA.

Quando era criança, minha bella,
Passava enamorado um' hora inteira
A' vista de uma estrella ;

Caçava um sanhassú por todo o dia,
E voltava contente
Da caça que trazia ;

— Hoje de mil cuidados carregado,
Nem já me resta o tempo
Para estar descansado !

Este vive no seio da opulencia
No paterno agasalho ;
Eu, ó bella, se vivo é do meu rosto,
E' só do meu trabalho.

Aquelle passa os dias se compondo
Defronte de um espelho ;
Eu, querida, me curvo
Dos livros no conselho.

Assim, para escrever-te, agora as folhas
Do pobre livro fecho...
Mas emquanto me estimes minha bella,
Da vida não me queixo.

Estas lyras, que, senão pelo merito, mas pelo tom entre faceto e melancolico, trazem á lembrança aquellas de Dirceu, obrigão-me a alma a um vôo de passaro por scenas que o tempo já levou nas suas azas como as borboletas azues a poeira que o sol doura.

QUE DESTINO !

I.

Linda era uma admiravel creança de quinze annos. Seu nome era a expressão generica de sua belleza plastica.

Pallida como um raio melancolico da lua, triste como essas virgens scismadoras das lendas tradicionaes.

Uma tarde... era ao sol posto; Linda docemente apoiada ao peitoril da formosa janellinha de seu quarto, — verdadeiro receptaculo vedado a olhos profanos, — contemplava como arroubada em amoroso extasi, os ultimos clarões do dia que desmaiavão n'um extremo anceo de moribundo.

Em que scismava ella ?

Que tentadoras visões andavão no espirito daquella angelica creança ?

Vão lá perguntar á lua porque é pallida, aos astros do céu porque fulgurão, as flôres porque nos embriagão em seus perfumes.

Quem sabe as lucidas chimeras que lhe andavão nas azas d'ouro das suas phantasias de menina.

E' pois a historia da vida dessa adoravel creatura que me propuz narrar. Dolorosa historia que resume em si uma porção de lagrimas, onde se encontra o travo amargo dos infelizes.

Tinha Linda apenas oito annos, quando lhe derão para companheiro de seus brinquedos de menina, uma encantadora creança da sua idade.

Julio era seu primo; docil e meiga creaturinha, em cuja fronte se espalhava aquella suave candidez das pinturas christãs.

A mais viva sympathia ligou desde logo esse graciosissimo par.

Que enlevo era vêl-os então a correr aiegres e infantis, como duas formosas borboletas por sobre o relvoso tapete das campinas; e á noite, como agradava ouvir-se-lhes as historias innocentes e pueris com que elles se recreavão enlevados no mesmo e encantador affecto !

As carinhosas mães ao vêl-os em gracioso grupo confundindo os va-tos anneis de seus cabellos, sorrião de intimo contentamento, tahlhando não sei que planos de grandeza no futuro dessas amoveis creaturas.

Pobres mães !

A muita luz, atravez da qual contemplavão as fronte pallidas de seus filhos, não lhes deixava ver sombras para tristezas no porvir.

E no entanto...

Crescerão sempre vinculados ao mesmo affecto, sempre acrysolados no mesmo amor. Erão-lhe commum os risos, e as lagrimas confundião-se na explosão dos mesmos sentimentos, no transbordar das mesmas dores, das mesmas alegrias.

Crescerão mais.

Julio tinha então desesseis annos, quando seus paes desapiedadamente emanciparão dos seus bringuedos de menino, para o entregarem aos affagos mercenarios de seus mestres.

Doloroso trance foi aquelle em que Linda ao accordar balbuciou o adorado nome de seu primo e só lhe responderão lagrimas de sua mãe.

II.

Vinha-se aproximando a tarde. Os dubios clarões do sol, parecião aureólar as fronte louras de duas angelicas creanças.

Julio e Linda, refugiados no mais secreto do jardim, fazião as suas derradeiras confidencias, cheios de suave confiança no futuro, que contemplavão pelos rasgados horizontes de suas illusões. Elle comprimia entre as suas alvas mãos de sua prima, envolvendo-a n'um doce e encantador olhar. A pobre menina, com os olhos turvos de lagrimas, supplicava a Julio que não a esquecesse um só momento, por mais longe que fosse aquella separação cruel.

— Não Linda, não te esquecerei um só instante, porque não se esquecem os formosos dias da infancia, e a tua infancia foi a minha, o passado foi commum.

— E terás muitas saudades d'ella e de mim Julio ?

— Quando é que se deixa de ter saudades do passado, meu amor ?

— Olha primo, -disse a pallida menina com amorosissima ternura, -quando penso nos novos prazeres que te esperão n'essa grande cidade que dizem tão formosa, receio que me esqueças. E' um presentimento

que em vão procuro combater e que me tem custado muitas amarguradas lagrimas.

— É's uma creancinha louca. Quem te fez assim tão credula Linda, tão supresticiosa ?

— O amor ! — murmurou ella sorrindo com adoravel ingenuidade E tu nunca pensaste, que eu possa vir a te esquecer um dia ?

— Nunca, porque sei que tudo aqui te fallará de mim com muito amor, com muita saudade. Todos estes objetos, testemunhas de nossa felicidade, conservarão presente em tua memoria, fallando-te saudosamente ao coração, o amigo e companheiro de oito annos; e mais que tudo isto, acompanha-me a certeza do teu amor; sei que nunca me esquecerás.

— Eu seria mais feliz, Julio, se tivesse a mesma confiança em ti.

— Não sejas má, — disse elle apertando-a ternamente ao coração. Despresa essas apprehensões sem causa que te martyrisão e me offendem. Quero que teahas muita confiança em teu querido amigo, que cedo voltará para reatar a ventura interrompida :

Já as sombras da noute penetravão no jardim quando o echo indiscreto de um beijo os denunciou á brisa que passava.

Olharão-so a tremer, e com o sangue do coração a espadanar-lhe as faces fugirão temoratos.

Encantadora idade, em que a effervescencia de um beijo nos purpuriza as faces !

(Continúa).

EU E TU.

NO ALBUM DE ARGEMIRO GALVÃO.

Sobre a encosta dos Andes annuviados
O cedro gigantesco ergue a vizeira ;
Sob os galhos, no espaço derramados,
Vegeta a planta morbida, rasteira,
Sobre a encosta dos Andes annuviados.

Si tomba o raio d'amplidão celeste,
Do colosso as ramagens agitando,
— A herva rola pelc cerro agreste,
Ou deriva na lympha murmurando,
Si tomba o raio d'amplidão celeste....

Tu és o cedro altivo, assoberbado,
Elevando no espaço os galhos grandes,
Sobre o cerro, nas nuvens mergulhado !
— Eu sou morbido arbusto sobre os Andes...
— Tu és o cedro altivo, assoberbado !

Porto Alegre—Maio—1876.

ASSIS BRAZIL.

MARINA

Aqui sósinho junto ao teu sepulchro
Eu me julgo feliz n'esse retiro.....
A' viração que passa de meus labios
O teu nome me furta n'um suspiro,
Aqui sosinho junto ao teu sepulchro.

Recebe meu suspiro onde tu vives,
Como um adeus de um peito que inda vibra
Por ti sómente, que te amei Marina,
Como um soluço da mais santa fibra
Recebe meu suspiro onde tu vives.

Tu és feliz no meio dos anginhos,
E nem sentes talvez a minha ausencia
Em quanto callo n'alma atroz tormento
Succumbindo d'amores na indigencia,
Tu és feliz no meio dos anginhos

Por que te amei e me deixaste cedo,
Eu que te amava loucamente, tanto!
De noite as vezes erro solitario
E pergunto ao Senhor lavado em pranto :
Porque te amei e me deixaste cedo ?!.....

Negra blasphemia me povôa os labios,
O mundo é um deserto onde respiro.....
E do poder de Deus, de tudo agora
Eu duvido Marina, e n'um suspiro
Negra blasphemia me povôa os labios.

Inda soffro por ti, anjo de Deus !
Miragem santa que eu amei um dia
E n'elle consumi annos d'amores.....
Mas hoje junto a tua lagem fria
Inda soffro por ti, anjo de Deus.

O MOURO DE VENEZA

(SHAKSPEARE)

ACTO V, SCENA II

(Uma alcova. — Desdemona adormecida no leito, meio despida, de roupão branco, descalça, cabellos pretos esparsos).

OTHELLO *entra com uma lampada na mão esquerda e na direita uma espada.*

Eis a causa, é minh'alma ! e vós a conheceis ; *
A causa que me induz do crime á hediondez !
Estrellas qu'eu adoro em vosso casto asylo,
Perante vós não ousa o Mouro referir-o !...
Não verterei seu sangue, não, que meu despeito,
Me não conduzirá a percutir seu peito,
Tão bello, que parece, ao refulgir d'um astro,
Estar em marmoreo tum'lo imagem d'alabastro.

(*Pondo a espada e a lampada em cima de uma mesa.*)

No emtanto é bem que morra, e morte bem urgente.
Porque não traia a outro assim perfidamente.
— Apaque-se este facho, extinga-se-lhes a vida.
— Se te é, por minha mão, a flamma destruída,
Porque a reviva tenho o tempo do pesar.

(*) « It is the cause, it is the cause, my soul ». O brusco romper deste monologo deve ser concebido como o seguimento de uma profunda reflexão interior, cuja expressão escapa dos labios do Mouro na violencia do desespero.—E.

(*Olhando a Desdemona*).

Lampada ardente ! oh tu ! que vais te aniquilar,
A mais, da natureza, esplendida feitura !
Aonde reachar, divina creatura,
Este fogo que deu-te — a vida, e que Jehovah
A cada um de nós mais d'uma vez não dá ?
Assim o fado quiz ; pois quando mão profana
Logra colher a rosa, a flor logo se fana,
Mas esta, ao menos, quero ainda respirar !

(*Abruçando-a*)

O' sopro puro ! amor, que vens-me embalsamar !
— Tu bocca de perfume e balsamo molhada
Forçaria a justiça a abandonar a espada !
Um beijo ainda ! um só ! — o ultimo ! infernal !
Jámais dar-se-ha na vida beijo tão fatal.

(*Desfazendo-se em lagrimas*)

Ah ! é myster qu'eu chore !... o zelo que m'inflamma
E' colera do céo que fere o que bem ama.
Ella açorda !

DESDEMONA

Quem é ? Othello, meu amor !

OTHELLO

Desdemona, sim, eu.

DESDEMONA

Vamos dormir, Senhor !

OTHELLO sentado, sem a olhar, fallando com brandura.

Já da noite a oração has hoje feito ?

DESDEMONA

Sim.

OTHELLO

Pois vê se em tua vida — inteira — achas emfim
Alguma acção hedionda, algum negro labéo,
P'r'o qual não tenhas inda a compaixão do céo,
E a implora já e já.

DESDEMONA

Que quer isto dizer, Senhor?

OTHELLO, *caminhando a passos largos no quarto. Sem dilação; não
ha tempo a perder.*

Retiro; vou á espera — estar ali ao canto.
Avia-te, que justa é minha causa, e emtanto
A's vezes culpa infame ao céo praz perdoar,
E a tua não quizera alma tambem matar.

DESDEMONA

Pois que! fallais de crime e de matar tambem!

OTHELLO

Sim.

DESDEMONA

Salve o céo minha alma!

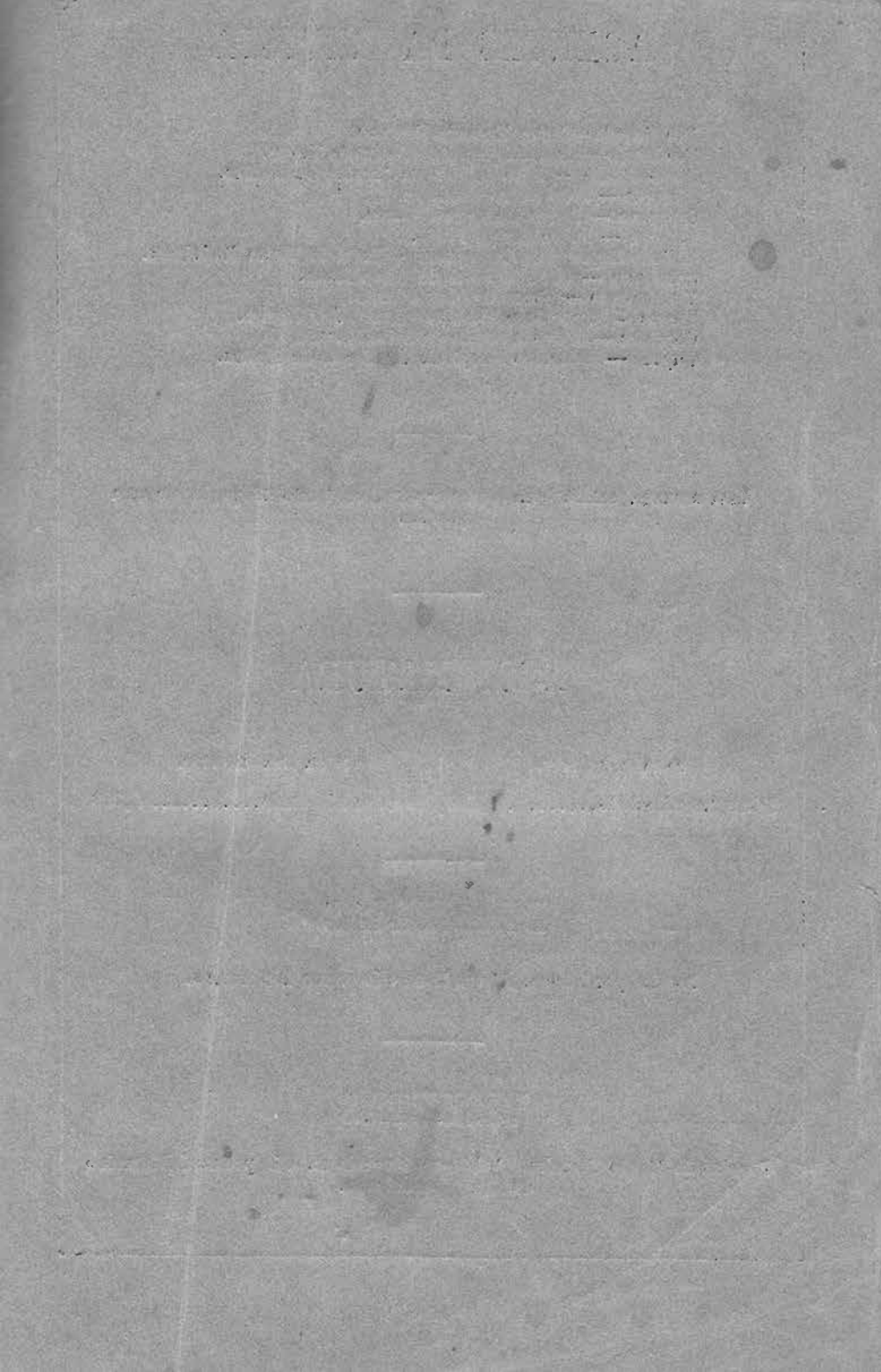
OTHELLO

Assim se cumpra! Amen! *

Rio de Janeiro.

E. LIMA.

(*) «Amen, with all my hearth!»



AGENTES DA REVISTA

Rio Grande — Carlos Eugenio Fontana.
Rio Pardo — José Joaquim de Andrade Neves.
Passo Fundo — Antonio Pereira Prestes Guimarães.
Alegrete — João Pedro Caminha.
Caçapava — Pedro Rodrigues Soares.
S. Sepé — Isidro Corrêa Pinto.
S. João Baptista de Camaquã — Patricio Vieira Rodrigues.
Cruz Alta — João Baptista da Silva Lima.
Uruguayana — Francisco de Sá Brito.
Torres — Major José Theodoro Nunes de Oliveira.
Corumbá — Pedro Antonio da Silva Horta Filho.
Cuyabá — Frederico Simplicio Gualberto de Mattos.

Esta REVISTA sahirá uma vez por mez, contendo 48 paginas e uma gravura

ASSIGNATURA

PARA A CAPITAL

FÓRA DA CAPITAL

Trimestre adiantado..... 3\$000 | Semestre adiantado..... 6\$000

BROMELIAS

Poesias por Iriema. A' venda na « Imprensa Litteraria ».

VIOLETAS

Poesias de Mucio Teixeira. Achão-se á venda na « Imprensa Litteraria » a 2\$000 ao volume.